

## A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA E A SOCIOLINGUÍSTICA HISTÓRICA

Gutemberg Magalhães Oldack BARBOSA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo revisita a história e dialoga com informações sobre o interesse do homem pela linguagem humana, do querer dele em entender como se processa o fenômeno da língua. Começa o diálogo com o olhar perscrutador de Matos e Silva (2008) sobre a Linguística Histórica e, a partir daí, adentra com dados do século IV a.C., passando por Panini (*apud* Faraco, 2005), pelas gêneses e desenvolvimentos das chamadas gramáticas especulativa, geral e comparativa. Faz um breve “passeio” pelo estruturalismo saussuriano, pelo gerativismo chomskyano, indo até a terceira onda da sociolinguística laboviana e o crescente movimento dos estudos sociolinguísticos no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Variação e Mudança. Sociolinguística. Linguística Histórica.

**ABSTRACT:** This paper revisits the history and dialogues with information about man's interest in human language, his desire to understand how the phenomenon of language is processed. It begins the dialogue with the searching look of Matos & Silva on Historical Linguistics and, from there, enters with data from the fourth century BC, through Panini, by the genesis and developments of so-called speculative, general and comparative grammars. It makes a brief "walk" by Saussurean structuralism, by Chomskyan gerativism, going to the third wave of labovian sociolinguistics and the growing movement of sociolinguistic studies in Brazil.

**KEY-WORDS:** Variation and Change. Social linguistic. Historical Linguistics.

### Introdução

*Os principais testemunhos para o passado  
linguístico mais remoto são os textos escritos:  
inscrições, manuscritos, livros impressos.  
(Roger Lass, 1997, p.44)*

William Labov, logo na introdução do seu livro *Padrões Sociolinguísticos* (BAGNO, 2008 [LABOV, 1970], p. 13), diz ter resistido por muito tempo ao termo *sociolinguística*, já que o mesmo implicava haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não fosse social. Essa assertiva laboviana será o mote para um diálogo entre a *Sociolinguística e a Linguística Histórica*, aqui neste artigo.

---

<sup>1</sup> UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, Bahia, Brasil, onde atua como professor do PARFOR. E-mail: gutho@yahoo.com

A Linguística Histórica, tradicionalmente, se debruça sobre a *mudança linguística*: seja sintática, fônica, semântico-lexical e mórfica; e seus estudos antecedem o advento oficial da Linguística como ciência. No entanto, Mattos e Silva (2008), em seu [...] *ouvir o inaudível*, propõe duas grandes vertentes na Linguística Histórica: uma *lato sensu* e outra *stricto sensu*.

Sobre a vertente *lato sensu*, a autora afirma que:

A linguística histórica *lato sensu* trabalha com dados datados e localizados, como ocorre em qualquer trabalho de linguística baseado em corpora, que, necessariamente são datados e localizados, tal como os estudos descritivos, sobretudo do estruturalismo americano, que teve seguidores no Brasil, inclusive eu mesma no livro de 1989, *Estruturas trecentistas*. Nesse livro, descrevi os dados de um longo texto do século XIV, Os quatro livros dos Diálogos de São Gregório; os estudos dialetológicos, tanto atlas linguísticos, como monografias sobre dialetos regionais; os estudos sociolinguísticos, como os da sociolinguística variacionista, que refina o método de quantificação por meio de programas informatizados, que permitem cruzar variáveis intra e extralinguísticas e estabelecem os pesos relativos dessas variáveis; os estudos etnolinguísticos, que, utilizando informantes adequados aos objetivos, constituem corpora para análise, em geral de natureza qualitativa. Poderia ainda incluir na linguística histórica *lato sensu* as teorias do texto, do discurso e da conversação, que se baseiam em corpora datados e localizados. (MATOS E SILVA, 2008, p. 9).

E sobre a vertente *stricto sensu*, ela vai defender:

Considero a linguística histórica *stricto sensu* a que se debruça sobre o que muda e como muda nas línguas ao longo do tempo em que tais línguas são usadas. É essa a tradicional concepção da linguística histórica, que, no seu sentido estrito, pode ser trabalhada em duas orientações:

- a) a linguística histórica sócio-histórica
- b) a linguística diacrônica associal.

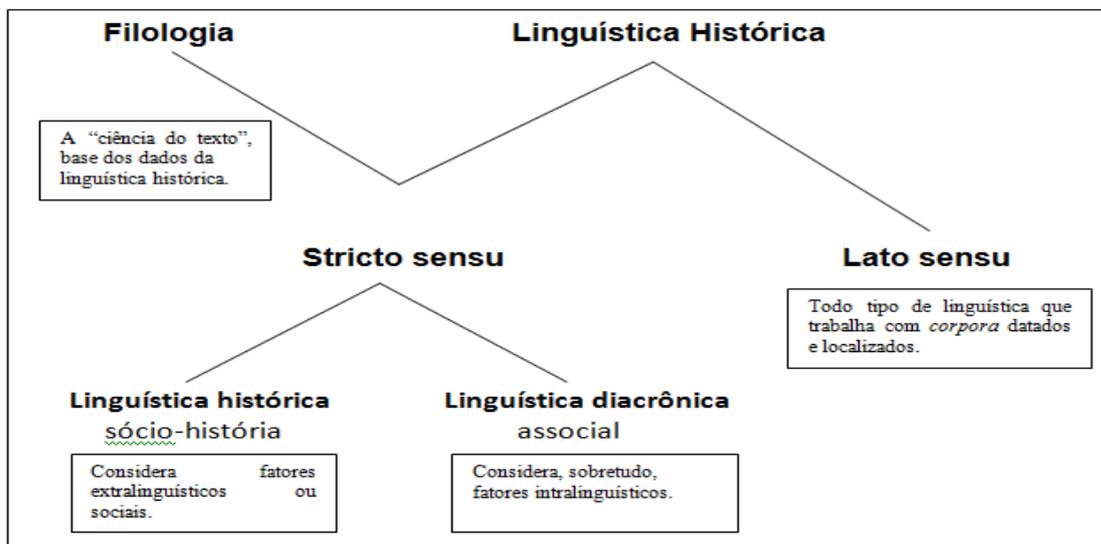
A do tipo **a** considera fatores extralinguísticos ou sociais, também fatores intralinguísticos, como a sócio-história proposta por S. Romaine (1985) e as sociolinguísticas, que tratam da mudança linguística, como é o caso da teoria laboviana da variação e mudança.

A do tipo **b** considera apenas fatores intralinguísticos, como é o caso dos estruturalismos diacrônicos, cujo exemplo maior é o de A. Martinet, no seu livro de 1955, *Économie des changements phonétiques*, e do gerativismo diacrônico, que tem como representante maior D. Lightfoot, que, desde 1979, com o seu livro *Principles of Diachronic Syntax*, vem reformulando Caminhos da linguística histórica sua teoria da mudança sintática, de acordo com as modificações do modelo gerativista.

A linguística histórica no sentido estrito depende, diretamente, da filologia, uma vez que tem como base de análise inscrições, manuscritos e textos impressos no passado, que, recuperados pelo trabalho filológico, tornam-se os corpora indispensáveis às análises das mudanças linguísticas de longa duração. (MATOS E SILVA, 2008, p. 9-10).

Mattos e Silva ainda sintetiza, muito claramente, suas considerações, no quadro a seguir:

Quadro 1



Fonte: Adaptado de Matos e Silva, (2008, p.10).

Observa-se que a autora propõe “novos olhares” para discussões antigas acerca dos estudos históricos da linguagem humana. Olhares esses que traçam liames significativos para entender como funcionavam e como funcionam alguns dos vários ramos da ciência Linguística.

Para enriquecer esse diálogo, na seção seguinte, será feito um breve percurso histórico sobre os estudos da linguagem, em uma linha temporal de uma época clássica antes de Cristo até a modernidade do século atual, na tentativa de visualizar correntes de pensamentos e nomes relevantes na história dos estudos da linguagem humana.

### **Uma linha do tempo: breve história sobre os estudos da linguagem**

A História mostra que o estudo da linguagem humana sempre despertou motivações inúmeras para o homem ir ao encontro de um entendimento da sua existência: origem, funcionamento, uso, transmissão, diferenças e igualdades entre os idiomas distintos... Enfim, sua gênese, desde sempre, é alvo da cobiça intelectualizada dos pesquisadores de várias áreas do conhecimento, como a Filosofia, a Psicologia, a Antropologia, a Biologia, a Sociologia e outras tantas ciências que a abordam de diversas maneiras como bem afirma Cyranka, 2014:

Daí a razão por que ela tem sido abordada sob inúmeros aspectos, desde os mais abstratos que a reduzem, algumas vezes, a verdadeiras expressões lógico-matemáticas, até as suas representações mais concretas, procurando situá-la no seu contexto de produção. Constatase, pois, que há um longo caminho já percorrido e, o que é mais importante, com respostas às vezes definitivas sobre alguns dos “mistérios” que a envolvem. Sob muitos outros pontos de vista, porém, esse importante patrimônio cultural das sociedades requer ainda que sobre ele se debrucem filósofos, antropólogos, sociólogos, psicólogos, linguistas. (CYRANKA, 2014, p. 160)

Como bem afirmou a autora, ainda há muito a pesquisar e ser observado, por vários pesquisadores e áreas distintas, sobre “esse importante patrimônio cultural das sociedades”. Porém, é certo dizer que, hoje, já se entende muito dos supostos “mistérios” da linguagem a partir de estudos que se intensificam mais a cada século como se verá adiante.

Faraco (2005) mostra, já no século IV, antes de Cristo (a. C.), que a linguagem é alvo de estudos linguísticos dos sábios hindus. Panini (*apud* Faraco, 2005), por motivações religiosas, é quem começa esses estudos, criando modelos de análise para descrever a língua. É considerado o autor da gramática mais conservada do sânscrito, intitulada *Doutrina das Palavras*. Composta por oito volumes, contem quatro mil aforismos<sup>2</sup> e menciona os mestres que vieram antes dele, representando mil anos de tradição a. C. Já na Idade Média, começada no século V, os filósofos consideravam que a estrutura gramatical das línguas fosse una e universal, constroem com essa ideia uma teoria geral que perdurará até o século XV.

Azeredo (1993) enfatiza que é no século XIII quando a língua começa a ser vista como representação do pensamento. Os gramáticos medievais constroem aqui as chamadas gramáticas especulativas (GE) (derivada do latim *speculum*, que significa espelho): são construídas sobre o pensamento aristotélico “de que os princípios da linguagem são os mesmos para todos os homens, para mostrar o que pode e não se pode pensar e o que pode ou não pode ser”, ou seja, consistem nas concepções de Aristóteles: língua, pensamento e realidade. O principal nome da GE é Tomás de Erfurt, reitor e maestro em artes, quem dirigia uma escola de gramática e lógica na Alemanha. Os maiores admiradores da GE, que estudava o essencial e o universal, foram os *filósofos*

---

<sup>2</sup> Texto curto e sucinto, fundamento de um estilo fragmentário e assistemático na escrita filosófica. Relacionado a uma reflexão de natureza prática ou moral. (HOUAISS, 2001, 117)

*modistas* (grupo de eruditos em atividade na Universidade de Paris entre os anos de 1250 e 1320).

Com a reforma religiosa, no século XVI, os livros sagrados são traduzidos em inúmeras línguas. O século XVII é conhecido pelo século das gramáticas gerais (GG). Os estudos da linguagem ainda estão impregnados por um forte racionalismo: os estudiosos procuravam mostrar que as línguas obedeciam a princípios racionais e lógicos. Lança-se aqui a *Gramática Geral e Racional*, mais conhecida como a *Gramática de Port-Royal*, publicada na França, em 1660, por Antoine Arnauld e Claude Lancelot. Foi um trabalho pioneiro na área da filosofia da linguagem. Propõe fundamentos para ensinar a “arte de falar, explicando tudo de modo natural e claro”. A gramática foi batizada assim em homenagem ao monastério de Port-Royal-des-Champs, onde trabalhavam os seus autores. Essa gramática traz um argumento central ainda alvo de estudos como se observa a seguir:

A gramática foi fortemente influenciada pela *Regulae* de René Descartes e tem sido utilizada como um exemplo *par excellence* da linguística cartesiana por Noam Chomsky. O argumento central da gramática é o de que a gramática é um conjunto de processos mentais, que são universais; portanto, a gramática é universal. Seus criadores propunham um estudo racional e filosófico da linguagem, desenvolvendo um ramo do cartesianismo que não foi explorado pelo próprio Descartes. (WIKIPÉDIA, retirado em 19/01/2018).

Vale ressaltar que o ideal posto na *Gramática de Port-Royal* ia de encontro ao ideal que predominava nesse século, que era uma preocupação com o lado estilístico da linguagem, ou seja, enfatizava o *bom usage*, “bom uso”, já que não se interessavam inteirar-se sobre os fundamentos, as causas e a estrutura da linguagem. Como observou Orlandi (1986, p. 37), “[...] queriam atingir com essa gramática a língua-ideal, universal, lógica, sem equívoco e ambiguidades, capaz de assegurar a unidade da comunicação do gênero humano.”

Orlandi (*op.cit.*) ainda afirma que,

Talvez a contribuição mais interessante das gramáticas gerais tenha sido a de estabelecer princípios que não se prendiam à descrição de uma língua em particular, mas de pensar a linguagem em sua generalidade. (ORLANDI, 1986, p. 37).

Azeredo (1993) também considera a importância das gramáticas gerais e defende que

As gramáticas gerais produziram alguns frutos no século XIX, como a Gramática Filosófica de Soares Barbosa. Para o século XX, e para os demais, as gramáticas gerais ofereceram não só o modelo da análise

sintática que se pratica até hoje, como também forneceu, graças aos desdobramentos que lhe deu a lógica de Stuart Mill, a terminologia gramatical que se consagrou: sujeito, predicado, objeto, adjunto, etc... (AZEREDO, 1993, p. 67).

No século XVIII, os ocidentais descobriram os modelos de análise da língua dos hindus. Começa aqui a transição das GG para a gênese das primeiras *gramáticas comparadas* (GC), o que será um marco importante para a constituição da Linguística no curso de se tornar uma ciência independente. Mas, é no século XIX que as GC terão seu valor reconhecido amplamente. Segundo Orlandi (*op.cit.*), as GC mudam o foco e irão se importar com o ideal universal, com as transformações que ocorrem nas línguas com o tempo. Ideia essa compartilhada com Carvalho (1997, p. 51) quando afirma que “a preocupação maior era com o aspecto diacrônico das línguas, e com a questão de que elas evoluem. Não interessava mais o funcionamento da língua”.

Franz Bopp é o principal nome dessa época, pois é considerado o fundador da GC. Considerado um filólogo do sânscrito, escreveu um livro sobre a conjugação desta língua, abrindo assim novas possibilidades para a linguística. Com a GC, percebeu-se o parentesco entre o sânscrito e línguas germânicas, latinas, gregas, persas, eslavas e célticas. “Parentesco este que se evidenciava não só na semelhança entre raízes lexicais, mas principalmente nas semelhanças entre as estruturas gramaticais”.

Com essa constatação e o método comparativo, surge o que é chamado de “família de línguas Indu-Européias”. A partir do observado, os estudiosos acreditam que essas línguas teriam uma mesma origem: o Indo-Europeu, também chamado de proto-língua.

Orlandi (1986) observa que

a grande contribuição das Gramáticas Comparadas foi evidenciar que as mudanças sofridas pelas línguas são regulares, têm uma direção. Não são caóticas como se pensava. No século XIX, para mostrar a regularidade das mudanças, alguns gramáticos históricos, os neogramáticos chegaram a enunciar leis para as mudanças da língua: as leis fonéticas. Por elas, os estudiosos procuravam explicar a evolução da língua. Devido aos neogramáticos que a língua deixou de ser vista como um organismo que se desenvolve por si e passou a ser vista como um coletivo. (ORLANDI, 1986, p. 81).

Na primeira metade do século XIX, precisamente em 1844, o linguista alemão Friedrich Diez inicia a chamada Filologia (ou Linguística) Românica, com a publicação da *Gramática Histórico-comparativa das Línguas Românicas*, e, dez anos depois, publica um dicionário etimológico dessas línguas.

Com base em Orlandi (*op. cit.*), em um resumo breve do século XIX, é possível afirmar que os estudos linguísticos eram feitos com base histórico-comparativa e seguiam

uma linha filológica. Faziam uma avaliação da evolução das línguas através do tempo, buscando as raízes comuns entre as línguas indo-europeias.

É no início do século XX, definitivamente, que a Linguística é tida como ciência legitimamente autônoma, com a publicação dos pensamentos de *Ferdinand de Saussure*, considerado o pai da Linguística moderna, no célebre livro intitulado *Cours de Linguistique Générale*, precisamente em 1916, e aqui se instaura o chamado *Estruturalismo*: a língua passa a ser observada como uma estrutura coeso-coerente que funciona a partir de um conjunto de regras organizadas dentro do próprio sistema, assim como em um jogo de xadrez<sup>3</sup>.

Como bem explica Martelotta (2008):

Podemos, como quer Saussure, pensar a estrutura linguística a partir desse mesmo entendimento: estabelecemos comunicação porque conhecemos as regras da gramática de uma determinada língua. Ou seja, conhecemos as *peças* disponíveis do *jogo* e suas possibilidades de movimento, como elas se organizam e se distribuem. Não se trata, obviamente, do conhecimento acerca das regras normativas que encontramos nos livros de gramática. Não estamos falando de regras estabelecidas por um grupo de estudiosos em um determinado momento da história. Se assim fosse, aqueles que desconhecem tais regras não se comunicariam. (MARTELOTTA, 2008, p. 115)

A organização estrutural da linguagem proposta por Saussure foi *sine qua non* para caracterizar a linguística moderna. Assim, o objeto central da Linguística é definido: a *langue*. Língua aqui não como idioma, mas como algo abstrato, imutável, homogêneo e isolado. Ou seja, Saussure enfatizava que a língua é um sistema, e acreditava que para saber sobre o objeto da ciência não era preciso saber de como esse mesmo objeto era antes, ou seja, independia de sua realidade histórica. Isso é o princípio básico do que ele chamava de sincronia.

A língua passa a ser estudada como sistema autônomo, ou seja, pode ser descrita sem levar em conta seus processos de evolução. Saussure configura que os estudos linguísticos devem ocupar-se de um recorte no tempo, para estudar o sistema que é a língua em sua totalidade. Assim, são criadas as definições de *sincronia* e *diacronia*. Esta designa uma fase de evolução, tem duração no tempo e é dinâmica. Aquela designa um estado da língua, é momentânea, estática, constitui um conjunto fechado e homogêneo de

---

<sup>3</sup> Analogia que sempre o próprio Saussure gostava de fazer quando explicava o funcionamento da linguagem: não importa se as peças do jogo são de plástico, metal, madeira, marfim ou outro qualquer material. O jogo só acontecerá se compreendemos como as peças se relacionam entre si, das regras que as governam. Da função estabelecida para cada uma delas e em relação às demais. (MARTELOTTA, 2008, 114)

regularidades. Para Saussure, os aspectos sincrônicos e diacrônicos são perspectivas totalmente distintas, porém não são antagônicas, já que é possível dizer que a língua funciona sincronicamente e muda diacronicamente.

O estruturalismo de Saussure traz entre outras, uma principal dicotomia: *langue* e *parole*, pois “entende que a língua é forma (estrutura), e não substância (a matéria a partir da qual ela se manifesta)”. Aqui, a linguagem é tomada com um objeto duplo: um lado social, *langue* (a língua), e um lado individual, *parole* (a fala). Para Saussure, a língua é a parte essencial da linguagem, é a condição da fala, já que esta está submetida àquela que é um sistema e estabelece as regras, e é, ao mesmo tempo, o instrumento e o produto desta. Enfim, no estruturalismo, toda a influência externa à língua é deixada de lado, e a estrutura da língua passa a ser dita através de suas ligações intra-sistêmicas.

Surge, nessa mesma época, uma vertente norte-americana do estruturalismo, mais conhecida como *distribucionalismo* ou *linguística distribucional*, que é representado pelas ideias behavioristas de Leonard Bloomfield, e perdurou nos Estados Unidos até quase os idos de 1950 do século XX, quando surge a linguística gerativa, ou como é comum chamar: *Gerativismo*, fundado a partir dos pensamentos de Noam Chomsky, mais precisamente no ano de 1957, quando ele publica seu livro *Syntactic Structures*.

É possível resumir os estudos linguísticos do século XX da seguinte maneira: na primeira metade, prevaleceu o método indutivo, uma concepção linguística alicerçada na *Semiologia*, a qual estuda a vida dos signos dentro da sociedade e que foi a base de F. Saussure. Na segunda metade, Chomsky vai subordinar à psicologia cognitiva o método hipotético-dedutivo, para o estabelecimento do *gerativismo*, que não será discutido neste artigo; e William Labov, a quem coube o papel de lançar as bases teórico-metodológicas de um novo momento, que, diferente de Saussure que projetou a idealização da língua em detrimento da fala, observou que a *parole* vinha a ser um aspecto fundamental para entender a linguagem humana, e assim, desenvolve a *Sociolinguística*, ramo da Linguística que, como afirma Martelotta (2008):

estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não se pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação. (MARTELOTTA, 2008, p. 141)

Precisamente na década de 60, nos Estados Unidos da América, firmou-se a Sociolinguística, também conhecida como “a teoria da variação” ou “sociolinguística

variocinista”. O que Labov (2008 [LABOV,1970], p. 141), “a partir do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística”, fez foi dar outro enfoque aos estudos do século, o qual reivindicou a valorização da fala e suas realizações dentro do contexto social para os estudos da língua e da linguagem.

A partir do princípio fundamental de que a língua é heterogênea, a variação será então o principal objeto de estudo da Sociolinguística, que chegou com metodologia bem definida e trouxe ferramentas bem delimitadas para coleta e codificação dos dados, levando assim o pesquisador a constatar que há regularidade e sistematicidade no que se considerava um “caos” na comunicação do dia-a-dia: a fala. A sociolinguística observou, em situação real de comunicação, por exemplo, que, em momentos informais, pessoas com nível superior usam formas não-padrão na fala. Assim, a diversidade e a variabilidade passam também a ser objetos de estudos dessa área.

A Sociolinguística chama de *variantes* as formas da língua que se encontram em variação e são influenciadas por determinados fatores, denominados *variáveis*. O advento estabelece três tipos de básicos de variação linguística: a regional, a social e a de registro. Esta é associada ao grau de formalidade do uso a depender do contexto, que pode ser uma carta, um jornal ou a própria fala. Aquela vê as diferenças a partir de grupos socioeconômicos e compreende variáveis como grau de escolaridade, origem, faixa etária etc. E aquela outra vai associar as distâncias espaciais entre regiões, estados, cidades e até mesmo países. Observa-se assim que é possível estabelecer, além das variáveis intra, as extra sistema. Ou melhor dizendo: internas e externas à língua.

Labov também enumera cinco problemas na teoria: *implementação, condicionamentos, transição, encaixamento e avaliação*.

- i – A *implementação* é aquela do porquê uma mudança em um traço estrutural ocorre, quando ocorre em uma dada língua específica e do porquê a mudança não pode ocorrer em outras línguas que compartilham o mesmo traço.
- ii – Os *condicionamentos* trazem o problema de quais mudanças são possíveis para uma língua em um dado estado.
- iii – A *transição* é o problema de como a língua muda de um estado anterior para um estado subsequente.
- iv – O *encaixamento* é o problema de oferecer fundamentos empíricos sólidos para a teoria da mudança trazer à tona diversas questões sobre a natureza e a extensão

deste encaixamento que está na tanto na estrutura linguística quanto na estrutura social.

v – A *avalição* são os problemas de como uma mudança está relacionada a outros fatores da língua, na qual ela ocorre e qual efeito ela tem sobre esses outros traços.

Hoje, quase 60 anos depois do seu oficial lançamento, a Sociolinguística é visualizada em três tendências no estudo da variação, também conhecidas como as “três ondas da sociolinguística”, as quais serão apresentadas na seção a seguir.

### **As três ondas da sociolinguística**

Em seu texto *As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas*, Veloso (2014) explica, com base nas obras de 2005 e 2012 da linguista Penelope Eckert, que os estudos sociolinguísticos se dividem em três ondas de análise. Ela salienta que essas ondas não passam por processos de sucessão ou se substituição uma da outra, “mas apenas correspondem à maneira característica com que esses modelos lidaram/lidam com a variação linguística ao longo das décadas de estudo”.

A primeira onda foi *sine qua non* para os estudos variacionista ligados ao modelo laboviano. Veloso (*op. cit.*) afirma que essa primeira tendência foi tão significativa que chegou a ser tida, muitas das vezes, como a própria teoria sociolinguística, por, sem dúvida, ter recebido a maior atenção da sociedade científica da Sociolinguística. No Brasil essa tendência se destacou entre os estudiosos da área.

Teve sua gênese com os estudos de Labov sobre o inglês da cidade de Nova York, quando “atestou a correlação do uso das variáveis às categorias sociais primárias, como classe socioeconômica, sexo, idade, etc.” Observando assim “um padrão regular e replicável de estratificação socioeconômica dessas variáveis, atribuindo um valor social à variação linguística”.

Como afirma Veloso:

Outra questão que esse estudo demonstrou foi que a variação linguística estava diretamente associada à alternância do estilo. O estilo, por sua vez, foi concebido em função do automonitoramento da própria fala, disposto numa única dimensão, que obedecia aos graus de monitoramento estabelecidos, ajustados em função da (in) formalidade da situação. O contínuo estilístico elaborado por Labov estava, então, orientado assim: atenção-formalidade-prestígio em contraposição à desatenção-informalidade-estigma. Desse modo, a atividade estilística do falante, e as estratégias operadas com respeito à hierarquia socioeconômica, estariam diretamente vinculadas ao lugar que o sujeito ocupa nessa hierarquia (2014, p. 3).

A autora sintetiza a primeira onda como sendo um *desenvolvimento do grande quadro*, da seguinte maneira:

Grandes estudos de levantamento de comunidades geograficamente definidas; a hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social; variáveis como marcadores de categorias sociais primárias e carregando traços de prestígio/estigma, e estilo como atenção prestada à fala e controlado pela orientação em direção ao prestígio/estigma. (VELOSO, 2014, *op cit.*)

A segunda onda vai se caracterizar pelo forte cunho etnográfico das pesquisas. Veloso afirma que os estudos dessa época “fornecem um retrato local das variáveis linguísticas, no sentido em que estas, situadas em comunidades menores, assumem valor social relativo à dinâmica local”. Cita também a obra de 2005 de Eckert, quando esta afirma “que os estudos etnográficos trouxeram uma visão mais clara de como as formas de falar estão imbuídas de significado local”.

Ao contrário da primeira onda, esta não encontrou muito apoio dos estudiosos brasileiros. Teve como base os estudos feitos por Labov na Ilha Martha’s Vineyard. A pesquisa descreve

que um tipo específico de variação fonológica foi recrutado pelos falantes da ilha como uma atitude social em relação à sua forma de falar: a variante escolhida representava um meio simbólico de afirmar-se ideologicamente em meio à população da ilha. Os estudos etnográficos deixam claro que, embora algumas variantes possam ser estigmatizadas em um nível mais geral de uma língua específica, a sua associação com valores e práticas locais podem lhe dar valor positivo. Elas, muitas vezes, denotam um ato de engajamento em uma determinada rede social. (VELOSO, 2014, *op cit.*)

E a autora vai sintetizar esta onda como sendo um *desenvolvimento no quadro local*, da seguinte maneira:

Estudos etnográficos de comunidades definidas geograficamente; as categorias locais como elo para as demográficas; variáveis como indicadores de categorias localmente definidas, e estilo como atos de filiação. (VELOSO, 2014, *op cit.*)

Veloso (2014) afirma que as duas primeiras ondas tiveram como foco a descrição da estrutura, sendo assim um retrato estático. Na primeira onda foram analisadas grandes comunidades de fala, enquanto na segunda onda, foram analisadas comunidades relativamente menores. Já na terceira onda, os olhares se direcionam “para o indivíduo em interação com o(s) seu(s) grupo(s).” Como será visto a seguir.

A terceira onda é recente ainda “e é embasada “nas proposições da própria Penelope Eckert. Nessa perspectiva, o foco é voltado para os padrões de variação presentes nos indivíduos inseridos em comunidades de práticas<sup>4</sup>”.

Veloso (2014) afirma que para compreender o significado social da variação, se faz necessário observar o que Eckert sugere: um olhar para o papel da própria variação na construção dos estilos. Mais que isso, Eckert traz uma proposta inovadora para a teoria sociolinguística: analisar a variação na prática estilística. “É observar, na prática linguística cotidiana, que variáveis assumem significados específicos, de acordo com o posicionamento de quem as usa nas diversas interações sociais nas quais se envolve”.

Será nas comunidades de práticas o “*locus* primordial de construção estilística”, já que nesses espaços não há variáveis tidas como de um dialeto específico “decorrentes da correlação direta de restrições linguísticas diversas a sociais pré-determinadas”. Aqui “o estilo é visto como uma prática, um ato de linguagem capaz de representar aquilo” que se é, aquilo que não se é, aquilo que se quer ser. “Nessa prática, os falantes são agentes que tecem estilos linguísticos em projetos contínuos e perpétuos de autoconstrução e diferenciação”.

A autora explica que:

Nessa perspectiva, a identidade revela uma posição que é assumida pelo sujeito no interior das variadas instituições nas quais ele vive. E são tantas posições quantas comunidades interativas o sujeito atua. Isto porque cada campo social, ou comunidade de prática, exige um posicionamento específico do sujeito, de acordo com os diferentes papéis sociais que ele exerce. (VELOSO, 2014, p. 5).

E vai sintetizar esta onda como sendo um foco na *perspectiva estilística*, da seguinte maneira:

Estudos etnográficos de comunidades de prática; as categorias locais construídas através de posições comuns; variáveis como indicadores de posições, atividades, características, e estilo como construção da persona. (VELOSO, 2014, p. 5).

Diferente das duas ondas anteriores, os estudos de terceira onda incorporam a dinamicidade da estrutura. “A estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela”.

---

<sup>4</sup> A comunidade de prática consiste em “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum” (Veloso, 2014 *apud* Eckert e McConnell-Ginet 2010: 102).

No Brasil, essas ondas estiveram presentes nos estudos sociolinguísticos, como será visto na próxima seção.

### **A sociolinguística no Brasil: meio século de estudos**

Nestes cinquenta anos, muitos foram os trabalhos realizados com base no aporte teórico-metodológico laboviano, dentre os quais se destaca a gama de pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas no Brasil a partir da década de 1970, quando Anthony Julius Naro começou a formar os primeiros pesquisadores na Teoria da Variação e da Mudança na cidade do Rio de Janeiro, mas precisamente em 1976, quando ministrou a disciplina Sociolinguística, no mestrado em Linguística na PUC. (OLIVEIRA, 2016, p.482)

Essa citação de Oliveira (2016) resume bem o início dos estudos sociolinguísticos no Brasil. A autora descreve uma linha do tempo sobre os estudos sociolinguísticos no Brasil, citando grupos e projetos pioneiros nessa área:

NURC – Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta do Brasil (1969), Competências Básicas do Português (1977), PEUL – Programa de Estudos dos Usos da Língua (1980), Confluência Dialectal na Nova Capital Brasileira (1984), VARSUL – Variação Linguística Urbana da Região Sul (1989), VALPB – Variação Linguística na Paraíba (1994), Dialeto Sociais Cearenses (1996), LUAL – A Língua Usada em Alagoas (1997).

Afirma ainda que “muitos outros projetos começaram a ser desenvolvidos em todo o País”. Também cita inúmeros estudos feitos por vários pesquisadores brasileiros e estrangeiros que observaram um sem número de fenômenos no português do Brasil, da Europa e de África. Os estudos feitos “tem possibilitado acúmulo considerável de conhecimento acerca da multidialectação diatópica e diastrática, da sistematicidade do uso linguístico e dos processos de mudança na variedade brasileira do português”.

Seria digno citar aqui uma lista com os nomes de pesquisadores brasileiros e suas pesquisas que fizeram história nos estudos sociolinguísticos no Brasil. Porém, de momento, não se faz necessário fazê-lo pela enormidade da lista e não ser esse o enfoque deste artigo.

Oliveira (2016) afirma que muito já se fez e muito ainda está sendo feito na Sociolinguística, no Brasil. E observa que:

A documentação e a análise do português brasileiro (tanto falado como escrito) constituem empreendimentos avançados e de grande sucesso num país de dimensões continentais e de estratificação histórica, social, cultural e econômica bastante diversificada. (OLIVEIRA, 2016, p.491)

Com base neste quadro brasileiro de estudos na área, a autora ressalta a atenção para a necessidade de uma agenda para o futuro e propõe o seguinte:

[...] é possível (re)pensar e até mesmo planejar uma agenda de trabalhos na área da Sociolinguística para os próximos cinquenta anos. Afinal, são muitos os mestres e doutores na área que recebem seus diplomas anualmente no Brasil e que, portanto, devem se engajar nos variados núcleos/grupos e projetos de pesquisa. (OLIVEIRA, 2016, *op. cit.*)

É sabido que não terminam aqui os diálogos entre a Linguística Histórica e a Sociolinguística, mas as informações trazidas validam esse começo de diálogo feito aqui.

### **Considerações finais**

É notório que, durante os séculos, foram feitos inúmeros estudos e tomados variados caminhos para explicar o fenômeno da linguagem humana. Hoje, os estudos continuam a partir das pistas deixadas na tentativa de resolverem as lacunas ainda existentes. Mas, é possível observar que as grandes descobertas feitas durante a história da humanidade se confundem com a história da língua, esse fenômeno imprescindível na evolução do humano no tempo e no espaço em que vivem.

A Linguística Histórica vive, mais uma vez, dias importantes na sua trajetória com a retomada dos estudos diacrônicos nas mais diversas áreas da Linguística, especialmente na sócio-história das línguas. A Sociolinguística continua avançando para entender e explicar o porquê dos fenômenos observáveis empiricamente na língua, principalmente no Brasil, onde esses estudos são intensos desde a época de 70 do século passado, chegando até a chamada terceira onda dos estudos variacionistas que estreitou seu olhar para um recorte ainda mais específico voltado aos padrões de variação observados nos indivíduos inseridos em comunidades de práticas.

Enfim, não sendo ainda possível estudar a língua de dentro do cérebro humano, continua-se a observar tudo que sai dele. Então, o passado e o presente se juntam para descortinar o ainda encoberto na língua. Assim, é possível dizer que no ramo da Linguística Histórica, como bem disse Labov (1982, p. 20), os pesquisadores tiveram e terão como instrumento de trabalho “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”, ou ainda como profetizou Lass (1997, p.45), *ouvir o inaudível.*”

## REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. de. **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- CARVALHO, C. de. **Para compreender Saussure**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CYRANKA, Lucia F. Mendonça. Evolução dos estudos linguísticos. In: **Revista Práticas de Linguagem**. v. 4, n. 2, jul./dez. 2014. p. 161-198.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola, 2005.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Objetiva, 2001. 2922p.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- \_\_\_\_\_. Building on Empirical Foundations, in LEHMANN, W & MALKIEL, Y. (Orgs.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.
- LASS, Roger. **Historical Linguistic and Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola, 2004.
- MARTELOTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo; Parábola, 2008.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. A sociolinguística laboviana: festejando o cinquentenário e planejando o futuro. In: **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas, pp. 481-501 - set./dez. 2016

ORLANDI, E. P. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I.. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

VELOSO, Rafaela. As três ondas da sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: **XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina**. ALFAL, 2014.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Gram%C3%A1tica\\_de\\_Port-Royal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Gram%C3%A1tica_de_Port-Royal) WIKIPÉDIA, retirado em 19/01/2018.

ARTIGO RECEBIDO EM 23/11/2019

ARTIGO ACEITO EM 12/12/2019